

marie claire

TURISMO SEXUAL

BRASIL, TERRA DO SEXO FÁCIL E BARATO. ATÉ QUANDO?

Ela não tem mais de 14 anos. Corpo bronzeado, roupas mínimas, olhar vazio. O homem que abaixa sua blusa e acaricia seu corpo já passou há muito dos 50. Seus gestos são grosseiros, e seu olhar é pura perversão. A cena acontece na praia, à vista de todos, explícita. Seria chocante, se não fosse tão comum: o Brasil é hoje um dos destinos preferidos por estrangeiros que viajam em busca de sexo. Esqueça a beleza das nossas praias, ou a riqueza de nossa cultura: “Fui para o Brasil por uma única razão: transar”, diz um alemão, encantado com as nossas “belezas naturais”. Acabar com a exploração sexual de crianças e adolescentes foi promessa da primeira gestão do presidente Lula, reforçada no último Carnaval. Mas a verdade é que muito pouco foi feito. Se continuarmos assim, o Brasil poderá desbancar a Tailândia e se transformar no campeão mundial do turismo sexual. A reportagem de Marie Claire esteve em Fortaleza, um dos principais focos desse tipo de turismo, e revela como esse comércio abusivo acontece bem debaixo de nosso nariz. Por Carla Leirner*.

Fotos: Antônio Gaudério



Jovens esperam a chegada de holandeses no aeroporto Pinto Martins, em Fortaleza. Abaixo, garota de programa em três momentos de assédio a turista estrangeiro

DESEMB. INTERNACIONAL
INTERNATIONAL ARRIVAL





A menina só vende balas, mas aceita se sentar à mesa com um grupo de homens, já se familiarizando com esse contato que não tem nada de inocente

“Drogas e mulheres têm na Europa, mas, aqui no Brasil, sexo é mais fácil e barato”, afirma o turista italiano Francesco

No aeroporto

Três jovens aguardam a chegada de um grupo de holandeses na ala do desembarque internacional. Só Regiane** sabe quem eles são, mas mantém mistério com as amigas. No ano passado, ela manteve um “romance” com um deles. “Homem brasileiro? Deus me livre! Não é preconceito, mas eles pagam mal e exigem muito.” Cearense, 19 anos, mãe de dois filhos, Regiane é garota de programa. Faz parte de uma rede de prostituição comum no Brasil: a do turismo sexual. “Eu tenho dois gringos no momento. Esse holandês e um alemão que tá voando por aí.”

Homens como os clientes de Regiane, que cruzam o Atlântico atrás de sexo, atravessam sem dificuldade as portas de entrada para passar dias de rei por aqui. Como a prostituição no país não é crime, os estrangeiros se sentem à vontade para transar com brasileiras. O problema é que, no rastro do sexo pago, forma-se um esquema que movimenta o tráfico de drogas, o tráfico de mulheres,

a falsificação de documentos e, pior, a exploração sexual de crianças e adolescentes.

A entrada de estrangeiros no Brasil cresceu. Em 2004, foram mais de 4,7 milhões. No ano seguinte, saltou para 5,3 milhões, segundo dados da Embratur. Só em janeiro de 2006, 61 mil passageiros, vindos especialmente da Europa, aterrissaram no Brasil. Em janeiro passado, foram quase 65 mil. Como não existem estatísticas sobre turistas sexuais no país, é impossível afirmar quem é quem nesses vôos.

Os holandeses que estão chegando serão recepcionados por Regiane e suas amigas, Sandra e Taís, ambas de 18 anos e também garotas de programa. “Eles gostam de moreninhas de canela fina, como eu”, diz Sandra. Quando podem, elas também escolhem o cliente. Preferem carecas sarados e tatuados, um tipo comum entre os italianos —junto com alemães, holandeses e portugueses, o grupo mais manjado de turistas sexuais. Muitas sonham em casar e cair fora. “Não tenho medo de ir embora com algué-

que mal conheço. Tenho medo é de passar fome no Brasil”, diz Regiane.

Na agência

Alemanha é só um entre muitos pontos de partida de turistas que visitam o Nordeste. Itália, Holanda, Áustria e Portugal são outros. “Drogas e mulheres têm na Europa, mas aqui o sexo é mais barato e fácil”, diz Francesco, um italiano que já esteve “inúmeras” vezes no Brasil.

As agências que combinam viagens e mulheres operam principalmente pela internet. Em contato telefônico com a Brasil-Club, com sede na cidade alemã de Dortmund, a reportagem foi orientada a consultar o portal da empresa. O site traz fotos de mulheres seminuas em poses eróticas, preços de possíveis diversões sexuais e um catálogo de garotas disponíveis para a temporada —o cliente pode fazer a escolha antes da partida. Oferece pacotes “no Brasil com garotas e sexo a partir de 2.300 euros”. Só não diz onde fica o hotel.

Em novo contato por telefone, a reportagem foi atendida por Albert. Queríamos saber se era mesmo possível chegar ao Brasil e já encontrar uma mulher à disposição. “Claro que é”, resposta imediata. “Basta preencher o formulário de inscrição online, indicando seu tipo de mulher: magra, normal, meio forte. Diga também a faixa etária que deseja e a cor de pele. Somos procurados devido a nossas latinas e afros.” Ele continua: “As afros são negras, bem escuras. As latinas têm traços mais misturados, são da cor marrom.”

A única restrição é para quem procura garotas meno-

res de idade. “Não trabalhamos com menores porque isso no Brasil dá cadeia. Mas moças jovens tudo bem.” Albert diz que o endereço da hospedagem só é fornecido mediante preenchimento de cadastro e pagamento de sinal de mil euros. A Brasil-Club trabalha no Rio de Janeiro e em cidades do Nordeste.

Além do Rio, Fortaleza, Natal e Recife entraram para a rota do turismo sexual, em boa parte, em decorrência da propaganda oficial do governo, que durante décadas associou a imagem do Brasil a mulheres seminuas, receptivas e sensuais. A partir de 2000, essa estratégia foi abandonada, mas o estrago já foi feito. “Em bom alemão, fui ao Brasil por uma única razão: transar”, diz Oldmen, no site da Brasil-Club.

Na periferia

A casa de Regiane e Sandra, as garotas que dias atrás esperavam holandeses no aeroporto, fica em Pajuçara, um município miserável a 40 quilômetros de Fortaleza. Elas dividem, além das calça-

das, a moradia de apenas três cômodos, que ainda abriga os filhos de Regiane, de 5 e 3 anos —eles ficam sob os cuidados uma senhora, que recebe R\$ 200 mensais. Bichos de pelúcia e bonecas estão cuidadosamente arrumados no móvel da TV.

Sandra chegou com a luz do dia, dormiu algumas horas na cama de casal, que também divide com Regiane. Acordou há pouco e está irritada com o cabelo, todo rebelde. Como não tem tempo de fazer uma escova, tenta domar os fios com muito creme.

Disputando espaço no único espelho da casa, Regiane faz um caprichado rabo-de-cavalo. Depois, borrija um perfume, de fragrância enjoativa, pelo corpo. “Veio de Amsterdã.” Regiane conheceu Peter, o holandês, na orla da cidade, no ano passado. O combinado entre eles era um programa de uma noite, mas se estendeu durante a temporada dele. Esse tipo de arranjo é comum entre turistas e garotas. Um homem só, algum dinheiro e muitos



presentes. No caso de Regiane, incluiu também uma viagem para Amsterdã. Na mala que levou quase vazia, ela trouxe um casaco de neve, hoje encostado no fundo do armário, um aparelho de MP3, que é a alegria da casa, e meia dúzia de calças jeans bem justas que, mal aterrissaram, foram reformadas para marcar suas formas generosas. “Ganhei de presente dele.”

Sandra está pronta, cabelo domado, rosto maquiado, blusinha e salto alto “sempre”. Regiane usa jeans e uma camiseta bem decotada e curta. As duas colocam nos bolsos a carteira de identidade, o batom e só. Vão à luta sem dinheiro nenhum, com a esperança de pendurar a corrida com um taxista conhecido —um elo forte nessa corrente difícil de romper do turismo sexual.

Na beira da praia, turistas se excitam com as meninas, que, sem qualquer inibição, buscam clientes

Rosane, que diz ter 18 anos, mas faz tudo para parecer mais velha, em um intervalo entre um cliente e outro. Abaixo, a mão na perna da garota é um dos sinais do acerto do programa**





Na praia do Futuro, os programas começam cedo, a partir das 11h. Abaixo, uma menina dança em um bar da praia de Iracema

Na praia

Vendedores e tatuadores de henna ajudam a incrementar o turismo sexual. Na praia do Futuro, um tatuador também é facilitador de encontros. Ele cobra R\$ 10 por um desenho de henna. Mas, pelo dobro do valor, apresenta à repórter e ao fotógrafo de *Marie Claire*, que se fazem passar por um casal em

busca de um ménage-à-trois, três meninas menores de idade. Por motivos óbvios, a negociação foi interrompida antes de acertarmos o preço do programa com as meninas.

Perto dali, outras meninas novinhas, algumas com menos de 10 anos, oferecem doces e aceitam pequenos carinhos em troca de uma venda. Desde cedo, se familiarizam com o estrangeiro e com a permissividade que esse tipo de turismo traz.

Por volta das 16h, o movimento na praia do Futuro termina. Quem não se arranjou vai fazer uma segunda rodada na Beira-Mar. Às 19h30, Regiane e Sandra estão lá, acompanhadas de dois noruegueses, primeira vez no Brasil.

A conversa deles, mais gestual do que verbal, só é interrompida com a chegada de dois policiais militares. Em uma operação de rotina, querem ver os passaportes e as identidades. Sem documentos, os homens levam uma advertência, mas são

liberados. Regiane sai de mãos dadas com um deles. O outro norueguês, irritado com a ação da polícia, vai embora. Sandra continua na área. Espera mais de hora até se ajeitar com um homem claro, jovem, uns 30 anos, vestindo uma camiseta do Brasil com o número 10.

Na barraca

A cena é comum nas barracas Satehut e Barra Sol Copacabana, na Beira-Mar: homens tomam cerveja e beliscam petiscos, enquanto se excitam com o vai-e-vem das meninas que, sem qualquer inibição, buscam trabalho. Elas literalmente “colam” nos homens, fazem gracinhas, pegam na mão. Se não se fazem entender pelos gestos, arriscam: “Fuck you, fuck you, baby!”.

Sabrina, 18 anos declarados, está na função. Vai atrás de um homem, uns 50 anos, segura o cara pelo braço e,



Regiane (foto no alto, de azul) divide a casa com Sandra e seus filhos. Depois de rever as fotos de Amsterdã, Regiane arruma a cozinha, e Sandra toma banho. Uma amiga testemunha a produção das meninas. Na noite, Sandra demora a encontrar cliente, mas insiste e consegue se ajeitar com um homem

Elas usam gestos para se comunicar com os “gringos”. Se não funciona, arriscam um “Fuck you, baby!”





Garota de programa “esquenta” o cliente em um bar da praia de Iracema, onde o agito se concentra depois das 23h

Usando identidade falsa, muitas crianças freqüentam boates, bares e até motéis

sual. Quando finalmente pára e pede algo no balcão mal-acabado, qualquer um percebe que ela é apenas uma menina. Como tal, demonstra ingenuidade, quando diz à reportagem: “Uso identidade de uma amiga, engano todo mundo”. De verdade, ela tem 15 anos.

Como só dois policiais fazem a ronda nessa área, é comum ver meninas bem jovens se insinuando para os mais variados tipos de homens. Sem restrições, elas desfilam eroticamente nas calçadas. Muitas, como Rafaela, portam documentos falsos ou emprestados e se beneficiam da convivência de quem deveria barrar sua entrada nas casas noturnas.

Nos hotéis

Na tentativa de coibir esse tipo de turismo, alguns hotéis têm dificultado a entrada de acompanhantes eventuais. No Maredomus, um três estrelas da praia de Iracema, e no Luzeiros, o da Beira-Mar, turistas podem ter companhia, desde que paguem taxas que variam entre R\$ 100 e R\$ 200 e sejam discretos — as moças só podem entrar a partir da meia-noite e sair, no máximo, às 5h. Tecnicamente, menores não entram sem comprovar o grau de parentesco que têm com o adulto.

Mas essas medidas parecem não ser obstáculo para os estrangeiros, que também movimentam o mercado imobiliário de Fortaleza, fazendo negócios na cidade. Para driblar a ínfima vigilância dos hotéis, acabam entrando nos flats, onde as portarias costumam ter controle ainda mais frouxo. Dos 248 apartamentos do Por-

tal de Iracema, cerca de 70% são ocupados por estrangeiros. Mesma situação acontece no Atlântico Residence Service. Dos 95 apartamentos, pelo menos 20 foram comprados por estrangeiros.

No táxi

Zé faz ponto em frente ao hotel Luzeiros, um quatro estrelas da Beira-Mar. Ele demora a abrir o jogo, mas, aos poucos, entrega: “Sou independente, não ganho dinheiro das meninas. Só que tenho amigas. Às vezes, o gringo pede companhia e falo delas”. No esquema “uma mão lava a outra”, Zé se vale da indicação de suas amigas quando um gringo quer fazer passeios maiores por Fortaleza. “O turista vem usufruir de coisas boas, e mulher é uma delas. Ele gera emprego, faz a sua parte. As meninas são pobres, não têm o que comer. Qual o problema de elas conhecerem alguém que pague coisas boas?”

Nesse mercado informal, tem também quem faz um extra. A indicação de um taxista, com direito a levar o cliente até a garota e depois buscá-lo, não sai por menos de R\$ 100, mesmo que a corrida seja curta. Esse motorista, que preferiu nem dizer seu primeiro nome, carrega uma agenda com os contatos das garotas. Ele sabe de cor quem é quem e descreve com detalhes suas qualidades físicas.

Essa parceria tem um outro ingrediente. Os taxistas acabam funcionando como “anjos da guarda” das meninas, garantindo a elas uma certa segurança. “Sempre combino um horário com um deles”, diz Renata, exposta ao lado de um carrinho de bebidas



na praia de Iracema. Se em duas horas, tempo médio do programa, ela não aparecer, tem alguém de prontidão para tentar ajudá-la.

No motel

Coincidência infeliz: o Love, de aparência decadente, fica em frente ao parque público Cidade da Criança. Foi lá que a reportagem conheceu Letícia, de 16 anos, há três na prostituição. Deitada na cama redonda, porta aberta, ela esperava um cliente, com quem vai negociar o preço do programa. Não parecia triste nem feliz. Letícia não tem muito para contar. Deixou a escola na quarta série, o pai morreu e a mãe brigou com ela.

Perto dali, Rosane, supostos 18 anos, aguarda um cliente. Ela vive com os pais e os irmãos. A mãe é dona de casa, o pai bebe. “Ele sai cedo de casa, diz que vai vender peixe, mas volta bêbado e dorme o dia todo.” Rosane diz que entrou para a prostituição encorajada pela mãe. “Pedi um dinheiro e ela me mandou ir para a Beira-Mar, falou para eu me virar, descolar algum. Isso tem um ano.”

Mesmo menor de idade, ela se ajeitou. Arrumou documento falso e “nunca” foi

barrada em porta de lugar nenhum. Hoje, tem um cliente fixo. Ele é holandês, “de vez em quando vem pra cá, mas me dá uma mesada de R\$ 600”. Com esse dinheiro, ela bem que podia deixar essa vida. “Não quero. Gosto de gastar dinheiro, não guardo nada. Estou bem assim.”

No abrigo

A casa é iluminada, tem quintal, jardim e portão de ferro. É lá que Juliana, de 12 anos, mora há quase um ano, com outras cinco crianças e uma mãe social. O nome do lugar e o endereço não podem ser revelados para preservar seus moradores. Uma assistente social diz que agora Juliana está bem, vai à escola, faz curso de artes.

Mas seus olhos se enchem de lágrimas quando começa a contar a história da menina. Filha de pais dependentes de drogas, começou a fazer programas aos 9 anos. “Tinha fome. Os homens me davam dinheiro”, ela diz. Juliana também fumava crack —ninguém sabe se para acompanhar os pais ou para aliviar a dor de viver no abandono. Não dá para dizer que foi sorte, mas, um dia, durante um

programa, Juliana foi pega em flagrante por uma tia.

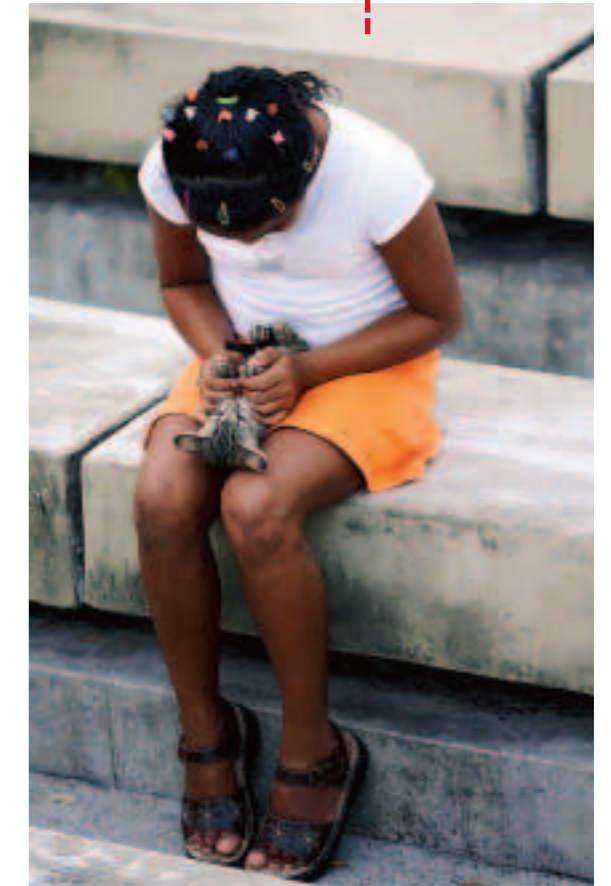
Ela levou o caso à polícia, e Juliana foi afastada do convívio da família. A assistente social diz que sua mãe de vez em quando vai visitá-la. A tia vai mais. O para-

deiro do homem que estava com a menina ninguém sabe. Mas o de Juliana, por enquanto, é esse. Longe dos pais e da irmã, ela diz que sente saudade de casa. Talvez ela volte a viver com a família. Talvez não. ■

* Colaborou Bianca Donatangelo
** Os nomes foram trocados para preservar os entrevistados

Os taxistas também ajudam a movimentar o mercado do turismo sexual

Acima, Letícia, de apenas 16 anos, espera seu cliente em um quarto de motel. Abaixo, o elo mais frágil do turismo sexual: a garota de 12 anos que se prostituía porque tinha fome



**AGORA, ESSAS
MENINAS PRECISAM
QUE VOCÊ ASSINE
A CARTA AO LADO.
DENUNCIE, PRESSIONE.
COBRE MEDIDAS. JÁ.**

O QUE VOCÊ PODE FAZER

Marie Claire lança a partir desta edição um movimento de repúdio ao turismo sexual. Se você ficou indignada com a reportagem, participe dessa campanha. Queremos pressionar as autoridades para que tomem medidas concretas contra esse tipo de turismo. As cartas recebidas serão encaminhadas ao governo no dia 18 de maio, Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

PARA PARTICIPAR, VOCÊ PODE:

1. Assinar a carta abaixo ou fazer uma cópia e enviar para a redação de *Marie Claire*: avenida Jaguaré, 1.485, 4º andar, Jaguaré, São Paulo, SP, CEP 05346-902
2. Acessar o site www.marieclaire.globo.com
3. Mandar um e-mail para campanhamarieclaire@edglobo.com.br

*Caros senhores,
venho por meio desta carta manifestar
o meu repúdio ao turismo sexual no Brasil. Quero que
turistas estrangeiros venham ao país para conhecer nossas
belas paisagens, e não em busca de sexo. Essa situação
vergonhosa infelizmente movimenta um esquema
criminoso de exploração sexual de crianças e adolescentes.
Isso precisa acabar. É necessário que as autoridades tomem
medidas concretas contra esse tipo de turismo, como:*

1. Traçar um plano de ação para localizar os principais focos nacionais do turismo sexual.
2. Estimular a sociedade a denunciar situações de exploração sexual por meio do disque-denúncia 100.
3. Encorajar a indústria do turismo a assinar o Código de Conduta do Turismo Contra Exploração Sexual Infante-Juvenil.
4. Certificar-se de que as fronteiras e os aeroportos oficiais reportem casos suspeitos.
5. Aumentar a punição aos abusadores.
6. Dar assistência imediata às vítimas de exploração sexual.
7. Distribuir folhetos educativos aos turistas com informações sobre violência e exploração sexual.

Atenciosamente,

Nome _____

RG _____

E-mail _____

Cidade _____

UMA CAMPANHA
marie claire

novasB

Esta campanha tem o apoio da Frente Parlamentar pelos Direitos da Criança e do Adolescente —coordenada pela senadora Patrícia Saboya, no Senado, e pela deputada Maria do Rosário, na Câmara Federal— e do Comitê Nacional de Enfrentamento à Violência Sexual de Crianças e Adolescentes —coordenado por Neide Castanha.